

Conte algo que não sei

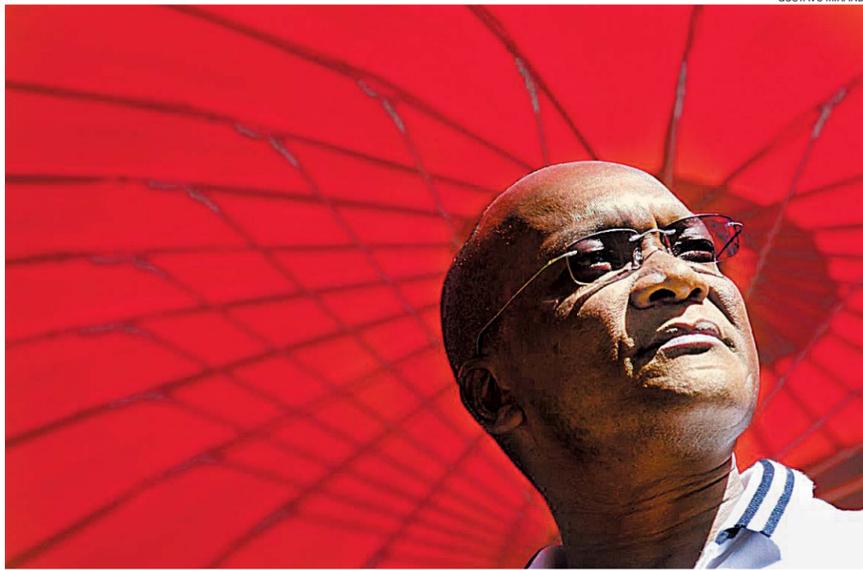
'Literatura moçambicana foi resposta à dominação'

Francisco Noa, professor e escritor

Doutor em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, moçambicano veio ao Rio para conferência na PUC

"Tenho 55 anos e nasci na cidade de Inhambane, ao sul de Moçambique. Sou ensaísta e professor de Literatura Moçambicana na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, além de Reitor da Universidade Lúrio, em Moçambique. Fiz licenciatura, mestrado e doutorado em Portugal."

ENTREVISTA A:

RENATO DE ALEXANDRINO
renato.alexandrino@oglobo.com.br

GUSTAVO MIRANDA

● Conte algo que não sei.

A dominação investe muito no discurso. No tempo colonial, não se usava a palavra "africano" ou "moçambicano". Todos éramos "portugueses". No ensino primário, pouco sabíamos sobre a realidade de Moçambique. Quando eu tinha 9 anos, um dia, no intervalo de uma aula, alguém disse que um europeu e um africano estavam brigando. Fui correndo ver, porque queria saber o que era um africano! E era uma pessoa igualzinha a mim. Eu não sabia o que queria dizer ser um africano.

● Como vê a literatura africana, atualmente?

As realidades africanas são muito ricas. Às vezes, ser escritor na África não é muito difícil, sobretudo se quiser ser romancista, porque a realidade já é uma ficção. A vida do escritor fica de certo modo facilitada porque nossa realidade está

cheia de coisas surpreendentes, exuberantes, que para nós são normais, mas para um olhar externo são fantásticas.

● Por que a literatura africana tem tanta dificuldade em chegar ao Brasil?

Penso que é um problema estrutural, de circulação. Moçambique tem uma relação cultural e literária com o Brasil muito antiga. A geração dos anos 40, que iniciou a literatura moçambicana, lia muito Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge Amado. Temos uma excelente literatura em Moçambique.

● Como analisa a relação entre Brasil e África?

O Brasil sabe muito pouco sobre a África, o que é uma injustiça histórica. É uma relação diluída e, muitas vezes, distorcida. Às vezes, quando escutam meu sotaque e me perguntam de onde sou, e eu

digo Moçambique, as pessoas têm dificuldade em saber onde fica. Pensam que é em Portugal. Quanto mais o Brasil conhecer a África, mais o preconceito vai diminuir.

● No que consiste a tese do "telúrico e o mar" na literatura de Moçambique?

A literatura moçambicana nasceu como resposta à dominação colonial. As motivações iniciais eram recusar e afrontar a presença colonial e afirmar um território cultural próprio, reivindicar nossas raízes. A terra aparecia como "mãe", por isso o telúrico. Após a independência, houve mais liberdade subjetiva, e os autores escreviam sobre o que era sua visão do mundo. Começou a aumentar a presença do mar na literatura, como um ingrediente de libertação. É um espaço em que não há fronteiras rígidas e que corresponde à ideia de liberdade dessa geração.

● É assim que também podemos explicar sua pesquisa sobre colonialidade, nacionalidade e transnacionalidade literária?

Sim. As literaturas africanas surgiram em contraponto à literatura colonial, que era feita pelos brancos e ridicularizava e diminuía os negros. Os escritores aparecem para se insurgir contra isso, valorizando o negro. Nessa fase, a nacionalidade contrapõe-se à colonialidade. A transnacionalidade está representada por essa geração que não está preocupada com as raízes, que pensa na globalização, na imersão do mundo atual, nas viagens. Essas são as etapas da literatura moçambicana.

● Quem venceu aquela briga na sua escola?

Não me lembro! Mas acho que o maior vencedor naquele dia fui eu. Descobri que era africano (risos).

O GLOBO
Por Dentro

Melhores de novembro

Após 11 meses de pesquisa e cruzamento de dados, os repórteres FABIO TEIXEIRA e IGOR MELLO revelaram que há uma tropa especializada em matar na Polícia Militar do Rio: em seis anos, apenas 20 PMs (0,04% do total) responderam por 10% das mortes provocadas por policiais no estado. A reportagem da dupla foi a melhor de novembro, na avaliação dos editores do GLOBO e do Extra.

A primeira menção honrosa foi para CHICO OTAVIO e DANIEL BIASETTO, que anteciparam os detalhes da Operação Cadeia Velha, que levou a cúpula do PMDB na Alerj para a prisão. A segunda menção foi para a equipe da editoria Mundo, que acompanhou as dificuldades da busca pelo submarino argentino desaparecido no Atlântico.

Nos suplementos, a edição especial do CarroEtc sobre os

automóveis da União Soviética foi considerada a melhor de novembro. Tendo como ponto de partida o centenário da Revolução Russa, JASON VOGEL mostrou que alguns carros lançados nos tempos do regime comunista ainda são fabricados. A primeira menção honrosa foi para a entrevista concedida por Gilberto Gil a LEONARDO LICHOTE. Nela, o cantor falou sobre a ópera que está preparando e sobre seu novo álbum de inéditas, além do crescimento do conservadorismo e da intolerância. A segunda menção foi para BRENO SALVADOR, que publicou no Boa Viagem um roteiro por pontos marcantes da Colômbia na vida e na obra do escritor Gabriel García Márquez.

O prêmio de inovação digital foi para o "Sextou!", de GIOVANNI SANFILIPPO e PEDRO WILLMERSDORF. Através dos Stories do



PABLO JACOB

Imagem do mês. Flagrante de policial militar atirando em direção a manifestantes em frente à Assembleia Legislativa do Rio

Instagram, a dupla resume as principais notícias da semana em esquetes de 15 segundos.

Com produção e reportagem de CECÍLIA VASCONCELOS e imagens e edição de RENÉE ROCHA, o vídeo sobre o cabo da PM que toca corneta nos entres dos colegas foi escolhido o melhor do mês passado.

O prêmio gráfico foi para a página sobre a trajetória do poder do Rio até a prisão. O trabalho é de CAROL CAVALEIRO e MARCO GRILLO. O flagrante de um policial disparando contra manifestantes em frente à Assembleia Legislativa rendeu a PABLO JACOB a melhor foto de novembro. ●

Leia também

País

Contra 'fake news', ministro Fux prevê detenção dos envolvidos e até bloqueio de bens PÁGINA 6

Mundo

Sem maioria na Câmara, Piñera terá de fazer alianças para governar o Chile PÁGINA 22

Sociedade

Para vencer o racismo, jovens assumem a identidade cultural e valorizam a estética negra PÁGINA 25

Poder em jogo



LYDIA MEDEIROS

Questão de tempo

O governo já sabe que os Correios devem começar 2018 em situação financeira muito crítica. A previsão é de que neste ano o rombo (passivo a descoberto) será recorde e só poderá ser atenuado com injeção emergencial de dinheiro, direto do Tesouro. Em análise das contas da estatal nos últimos seis anos, a Controladoria Geral da União concluiu que os prejuízos acumulados, no período 2006 a 2011, levaram os Correios a perder mais de 90% do seu patrimônio líquido. No relatório à Presidência da República, a Controladoria deixa claro que é real o "risco à continuidade operacional". No Palácio do Planalto, discute-se se a decisão de privatizar a empresa deve ser tomada ainda no primeiro trimestre ou deixada para o sucessor de Michel Temer.

Vaivém

O governo e a Aneel mudaram de estratégia na disputa judicial bilionária com as empresas de geração de energia hidrelétrica, que contestam medidas tomadas no governo Dilma. Haviam pedido ao STF a suspensão de liminares favoráveis às empresas, mas, na semana passada, o ministro Dias Toffoli decidiu remeter o caso ao STJ. Antes de recorrer ao STJ, o governo já apostara no STJ. Achou, porém, que teria mais sucesso no Supremo, e desistiu da ação. Agora, terão de pedir à ministra Laurita Vaz a desistência da desistência.

Calculadora

O Podemos vai protocolar ação no Supremo para tentar ganhar mais tempo de TV na campanha presidencial de 2018. Pelas contas dos dirigentes do partido, o senador Alvaro Dias só vai ter dois minutos para tentar ganhar o voto do eleitor. A legenda quer que a distribuição do tempo de propaganda eleitoral seja proporcional ao tamanho da bancada no Congresso. O PTN, denominação do Podemos em 2014, elegeu apenas quatro deputados. Hoje, o partido tem 16 parlamentares na Câmara.

Palavra do executivo

A gestora Terra Nova, a respeito de nota publicada aqui em 15/12, alega que "não há desvios" na gestão do fundo de previdência dos servidores da prefeitura de Cabo de Santo Agostinho (PE), que está sob investigação da Polícia Federal, do Ministério Público e da CVM. A empresa gerencia as aplicações do fundo, do qual teriam sido desviados R\$ 93 milhões. Marco Aurélio Neves, principal executivo da Terra Nova, argumenta que opera "rigorosamente dentro da lei", com auditoria independente e controle da Caixa Econômica Federal. Ele insiste que, ao contrário do que sugerem as investigações, "não há desvios, há competência".

CPI da Previdência

Vereadores de oposição ao prefeito de Cabo de Santo Agostinho (PE), Lula Cabral, apresentaram ontem pedido de abertura de uma CPI para apurar as denúncias de fraude na gestão do fundo de previdência dos servidores da cidade, o CaboPrev, administrado pela Terra Nova.

Presente de Natal

Num dia de agenda repleta de comemorações, Michel Temer deu novo status ao município de Terra Roxa, Oeste do Paraná. Com 17, 5 mil habitantes e 800 quilômetros quadrados de área, a cidade é agora a "Capital Nacional da Moda Bebê", segundo lei sancionada ontem pelo presidente. O autor do projeto foi o deputado e ex-ministro da Previdência Reinhold Stephanes (PSD).

POSTAL DO CERRADO



LYDIA MEDEIROS

A apenas uma semana da festa, uma árvore de Natal chega à Câmara, entregue pelos Correios. Será exposta num Salão Verde já praticamente vazio, com parlamentares e servidores entrando em recesso.

Com Amanda Almeida
poderemjogo@oglobo.com.br

Loterias

LOTOFÁCIL

1.600

02 03 04 05 07 09 13 14 16 17 18 20 22 23 24

QUINA

4.559

02 07 20 53 79

• O leitor deve checar os resultados em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados.